

**CLÁUDIA MARIZA MATOS BRANDÃO
ELISABETH BRANDÃO SCHMIDT
TERESA DE JESUS MARTINS LENZI**
[Organizadoras]

SOB O SIGNO DA CEGUEIRA:
foto-graphando o cotidiano

• Pelotas, RS – Brasil
Editora e Gráfica Universitária da UFPel
2010



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz Brenner de Moraes
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani Gonçalves Avila
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms. Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta Thierweller
Pró-Reitor de Infraestrutura: Marlo Renato Cardoso Amaral
Pró-Reitoria de Assistência Estudantil: Assistente Social Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dra. Carla Rodrigues	Prof. Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Prof. Dra. Cristina Maria Rosa	Prof. Dr. José Estevan Gaya
Prof. Dra. Flavia Fontana Fernandes	Prof. Dr. Luiz Alberto Britas
Prof. Dra. Francisca Ferreira Michelon	Prof. Dr. Vitor Hugo Borba Manzke
Prof. Dra. Luciane Prado Kantorski	Prof. Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes
Prof. Dra. Vera Lucia Bobrowsky	Prof. Dr. William Silva Barros



Editora e Gráfica Universitária
R Lobo da Costa 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150
Fone/fax: (53) 3227 8411 e-mail: editora@ufpel.edu.br

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva
Editoração: Volmar Geraldo da Silva Nunes
Capa: Pedro Guidoux Gonzaga
Impresso no Brasil Edição: 2010
Tiragem: 300 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Biblioteca da Dalane Schramm – CRB-10/1881

S677 Sob o Signo da Cegueira: foto-graphando o cotidiano. /
Organizado por Cláudia Mariza Mattos Brandão,
Elisabeth Brandão Schmidt e Teresa de Jesus Martins
Lenzi. – Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010.
114p. : il. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-7192-653-0

1. Educação. 2. Fotografia. 3. Memória. 4. Olhar. I.
Brandão, Cláudia Mariza Mattos. org. II. Schmidt,
Elisabeth Brandão. org. III. Lenzi, Teresa de Jesus
Martins. org.

CDD 370



HECATOMBE CONTEMPORÂNEA: UMA ANTROPOFAGIA AMBIENTAL

Cláudio Tarouco de Azevedo

Toda imagem, por si só, é capaz de despertar algumas reações. Ao confrontar-se com determinadas imagens, quem já não sentiu saudade, repulsa, comoção ou até mesmo indiferença? Assim como as reações frente a uma imagem são diversas e dependem da bagagem e experiência de cada pessoa, a leitura que se pode fazer dela também é passível de uma interpretação bem pessoal. No entanto, o exercício de pensar a partir de uma imagem, neste caso uma fotografia, pode despertar a necessidade de uma análise da mesma.

Olhar uma imagem é entrar em contato com o universo de códigos e informações que a constitui. Segundo Jacques Aumont, esse contato se dá *a partir do interior de um espaço real que é o do nosso universo cotidiano, com um espaço de natureza bem diferente, o da superfície da imagem* (AUMONT, 1993, p. 136). A fotografia está a funcionar como um dispositivo para reflexão crítica e a primeira função do dispositivo é propor soluções concretas à gestão desse contato *antinatural entre o espaço do espectador e o espaço da imagem* (id., ibid.).

A partir da minha perspectiva, do meu espaço de espectador e fotógrafo, analisarei a imagem conduzindo o leitor a um universo particular de pensamentos, reflexões e percepções que entendo serem relevantes ao exercício de pensar nosso olhar, um olhar que transcende a visão. Para tanto, a seguir, destacarei os elementos que a constituem – e que estão visíveis neste espaço da imagem –, problematizando significados que podem ser atribuídos a ela.

Com base nos estudos de Charles Sanders Peirce, Philippe Dubois (1993) aponta a lógica fotográfica do índice, porque a fotografia é em primeira instância uma afirmação de

existência. A fotografia é uma reprodução mimética do real. Então, de que forma essa mimese do real se apresenta na imagem que inaugura este ensaio?

Para responder a essa pergunta descreverei os elementos compositivos que a caracterizam. Percebe-se que os elementos formais que a compõem estão sob os auspícios dos diversos tons de cinza, da tábua de corte de alimentos, do guisado moldado, à esquerda, e da faca sobreposta. A partir dessa evidência de elementos, evoco alguns aspectos simbólicos arraigados à imagem. E faço isso sob minha perspectiva, convidando o leitor a ingressar em meu imaginário, explorando um pouco da capacidade simbólica que a imagem oferece.

Em primeiro lugar, o que delega sentido à imagem é o guisado, que simboliza a forma de uma mão humana. Para complementar a leitura desses elementos, temos a tábua de corte, instrumento utilitário de nosso cotidiano alimentar, e a faca usada para o preparo dos alimentos. A princípio temos essas informações visuais em tons de cinza iluminados por uma luz unilateral que projeta as sombras dos objetos que são partes da composição. Instauramos aí um ponto de partida para nossa reflexão.

A leitura descritiva da imagem corresponde ao domínio da *imagem visual*. Esse domínio se refere aos signos que representam o nosso ambiente visual, entre os quais incluo as fotografias, que, assim como imagens de outras procedências, podemos perceber através do sentido da visão. Por outro lado temos o domínio das imagens mentais, que *aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais* (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 15). Estas estão diretamente relacionadas à nossa memória, aquilo que está em nossa mente e foi adquirido a partir das nossas experiências vividas. Imagens imersas em um campo mnemônico, sujeitas a evocações e relações simbólicas

que podemos fazer com outras imagens, cheiros, sons, etc, como, por exemplo, quando, ao sentirmos o cheiro de um perfume, lembramos de uma pessoa e de coisas que estão relacionadas a ela.

E é com base na fotografia apresentada que evoco a minha lembrança. Lembrança de quando produzi a imagem, acima reproduzida, há uns cinco anos. Na época meu propósito era enunciar uma metáfora da carnificina humana num planeta de guerras, violência generalizada e genocídios. O homem que se alimenta da carne do próprio homem, uma antropofagia diferente daquela anunciada no manifesto antropofágico do movimento modernista brasileiro publicado em maio de 1928, escrito por Oswald de Andrade. Não se trata da metáfora de um canibalismo com vias a nutrir-se dos poderes e virtudes da presa, mas sim do quanto doloroso pode ser estar na condição da presa, seja ela qual for, como as vítimas do holocausto.

Frente à realidade vivenciada cotidianamente, é possível admitirmos que não estamos agindo muito diferente daqueles que viveram na antiga Roma com suas grandes festas e confrontos impetuosos entre homens e leões, ou ainda o sacrifício de uma centena de animais praticado pelos antigos gregos, a chamada hecatombe. Enfim, a história se repete. Uma hecatombe contemporânea, uma metáfora para o descaso com a vida – humana e não-humana – e as relações entre essas espécies e seus ambientes.

Não estou aqui querendo propor a panacéia para o planeta, mas quem sabe “uma gota” de colírio que contribua para amenizar a cegueira coletiva que avança seu rastro de contaminação social, violentando e anestesiando a humanidade. Uma cegueira similar a esta podemos assistir no filme *Ensaio sobre a cegueira*, dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles, baseado no livro homônimo do escritor português José Saramago, quando na tela é reproduzida a metáfora da vida humana na Terra, nossas conturbadas relações e emoções. Um

caos provocado pela patológica cegueira branca que acomete a humanidade e denuncia os nefastos pensamentos e atitudes que brotam à “flor da pele” nas situações vivenciadas na película de Meirelles.

Como colírio para tudo isso, pense no estado efêmero do mundo. Aquilo que passa rápido e pouco se percebe. Sem o registro fotográfico, o congelamento do instante, o que seria daquele pedaço de carne da fotografia de cinco anos atrás? Estaria comido pelos vermes! E é através do dispositivo fotográfico que podemos refletir sobre nossos pensamentos que, por vezes, estão em estado de putrefação, sendo *comidos pelos vermes* ao não perceber o valor da vida e das relações.

De fato estamos condicionados a um certo fazer que implica a nossa condição de consumidores de parâmetros qualitativos rasos, por conta da velocidade dos tempos de muita informação e pouca reflexão, do *fast-food* de difícil digestão para os nossos estômagos, daquilo que nos é imposto e que pouco contestamos. A hecatombe relaciona-se com o genocídio humano do holocausto, das guerras mundiais e, mais atualmente, das problemáticas no Oriente Médio e na África, geralmente esquecidos, pois as imagens nos possibilitam a reflexão crítica e é isso que se propõe este ensaio.

Para além do canibalismo, que faz brotar alimentos da dor e da banalização dos sentimentos emudecidos, avançaremos em um terreno movediço, no qual o que está em *xeque* não são as fatalidades, mas a ética e o antagonismo: **medo e cuidado com a vida.**

Em minha fotografia, a faca representa aquele que corta para moldar a mão, corta e vaza para matar na hecatombe. Mas o problema não me parece estar nos instrumentos criados pela humanidade, como no caso da faca, mas nas formas de usos destes. Como, por exemplo, os automóveis que configuram um dos grandes indicadores de mortes causadas por acidentes

absurdos, bem como os altos índices causadores da poluição atmosférica.

Continuemos com nossa homeopatia do colírio contagotas. O ato de matar nos remete a mensurar qual o valor da vida e, ainda, os **cuidados** que devemos ter com ela. Ao presenciarmos um atropelamento no qual a vítima fica gravemente ferida, os envolvidos passam a ser alvos dos poderes legislativo, executivo e judiciário. O peso da situação envolve uma estrutura social característica nossa, desta época, o que não quer dizer que todos consintam e apoiem tais regulamentações sociais. Mas existe um estatuto institucional que rege nossas condutas. O **medo** da punição recai sobre quem atropelou, mesmo que este não tenha cometido infração.

Então pensemos... Se estivéssemos no lugar da vítima ou de quem atropelou? As hipóteses de culpa, de julgamento. O peso da vida e de nossos atos. O que estaríamos sofrendo, a que estaríamos respondendo? Crime culposo ou doloso?

Existe nesse sentido o que podemos chamar de antropofagia ambiental, pois quando matamos e morremos estamos fazendo parte desse ciclo vicioso de descaso com a vida.

A partir de agora façamos o exercício de descrever uma imagem para que você, leitor, a elabore mentalmente. Projete a cena fotográfica: um corpo estendido no chão, à beira da estrada. É dia. Da boca as marcas do sangue, vermelho intenso e, no entanto, já desfalecido. Na cabeça identificamos as marcas do atropelamento, o enorme rasgo que dilacerou o crânio, e do estômago as vísceras transbordam com o sangue pela carne escorrendo no asfalto. Algumas pessoas aparecem ao fundo, pessoas que por ali passaram com certa apatia, como se nada tivesse acontecido. O que há de familiar nesta cena fotográfica? Uma convenção antropocêntrica da vida humana. Vamos explicar melhor o fato.

A cabeça nos é familiar, o estômago, o sangue e a carne também. Familiar também é o fato de que um cachorro atropelado a beira da estrada não causa tanto impacto como uma pessoa, não produz o alvoroço inicialmente imaginado. Senão pelos *o-dores* da carne efêmera em decomposição, o olhar banalizado quase desconsidera aquele ser morto estendido no chão. Nossos sentidos e sentimentos estão sendo atropelados por esta banalização da vida, uma premissa antropocêntrica generalizada. Será que alguém vai pensar que poderá ser preso ou responder a algum processo pela possível morte do animal?

Matamos animais, desprezamos a vida alheia, pensamos mais em nós do que na coletividade. Somos insensíveis às nossas próprias dores, considerando a relação espécie com espécie, então o que dizer das nossas relações com as outras espécies, com o outro? A hecatombe contemporânea se caracteriza pelo suicídio, pois quando matamos outras espécies, quando destruímos ou não cuidamos e desrespeitamos o nosso cosmos, estamos matando a nós mesmos.

Segundo o *Manifesto do Rio Negro*, escrito por Pierre Restany em 1978, perceber nosso tempo ecológico *trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva – a poluição dos sentidos e do cérebro contra a queda do ar e da água.*

Essa antropofagia ambiental é uma espécie de poluição subjetiva equivalente àquela a que se refere Restany, e precisa de contenção, de uma utopia que seja cultivada e disseminada nas mínimas relações, como intervenções curativas em combate à indústria cultural que devasta os pensamentos e o comportamento das massas. Precisamos sempre das ações de transformação da práxis social, de pouco em pouco em conjunto com as massas, pois se estas são de interesse dos poderes constituídos, e são a própria sociedade, elas, sendo conscientes e ativas, poderão inverter os atuais valores capitais.

Carlos Naconecy afirma que viver em um grupo social supõe-se um código de conduta, sendo que *tal código envolve algum nível de responsabilidade pelos outros membros, além de princípios de cooperação e não-agressão. Os humanos obedecem a esses códigos porque são criaturas inteligentes e sensíveis, mas muitos animais também são* (2006, p. 194). Pensar desta forma é preeminente!

Falar contrário a esta carnificina antropocêntrica parece, hoje, um discurso alienígena ao nosso *status quo* do consumo incessante e exploratório, mas este é um discurso por um futuro de imagens de uma sociedade que simbolize a qualidade de vida, o cuidado com a vida e a preservação das espécies. Estamos, em maioria, ainda anestesiados. Precisamos deste colírio!

Em *As cidades invisíveis*, Italo Calvino afirma que *nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...* (2003, p. 20). Espero que possamos ver em nossas cidades visíveis e invisíveis a mesma beleza que nas nuvens.

Para encerrar esta reflexão trago as palavras do escritor Rubem Alves: *são as imagens que me fazem pensar. Mais do que isso: é através das imagens que tento ensinar* (2005, p. 57). Uma fotografia nos levou a refletir e a commungar alguns pensamentos. A minha intenção é que cada leitor possa seguir refletindo sobre as imagens para além das formas que se apresentam à visão, procurando questioná-las, provocando e instigando através delas um processo coletivo de reflexão crítica pelo conhecimento e por uma transformação qualitativa da vida no cosmos.

Esse processo de reflexão crítica se relaciona com nossa capacidade simbólica de imaginar algo a partir de uma imagem, palavra, objeto, etc. Essas relações simbólicas nos permitem elaborar e articular pensamentos, idéias e ações. Em se tratando de uma fotografia, como em nosso caso, essas

relações vão sendo formuladas num processo em que o paradigma “pós-fotográfico está para o simbólico” (SANTARELLA; NÖTH, 1998, p. 188), um simbólico que “põe em cena a posição excêntrica do sujeito” (id., p. 193). Um sujeito que, a partir do que enxerga de simbolismos na imagem, produz, recria a história do recorte de imagem para seu imaginário, para seu universo particular, excêntrico. Pois “o imaginário é o domínio da *imaginação*, compreendida como faculdade criativa, produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis” (AUMONT, 1993, p. 118). Esse processo é fundamental no exercício criativo das experiências humanas, pois transcende o real e possibilita instâncias de transformação a partir do que criamos mentalmente. Esse é um ponto chave dos dispositivos da imagem utilizados ao longo deste ensaio, que possibilitou transcender os domínios visuais para além das fronteiras do visível.

A fotografia se torna importante nesse processo porque, dentre outros fatores, ela significa parte de nossa construção simbólica contemporânea. Somos uma sociedade imagética e a força simbólica das imagens influencia nossos comportamentos e atitudes. Portanto, fiquemos atentos! Pois enxergar a realidade significa adentrar em um universo para além das imagens. Significa transcender o que vemos para uma relação com o que já conhecemos. Olhar significa envolver-se de forma mais profunda, olhar é não apenas “dirigir os olhos para perceber o ‘real’ fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de *cuidar, zelar, guardar*, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto” (BOSI, 1988, p. 78).

É olhar também pelas outras espécies e a própria espécie humana, olhar por todos num ato de cuidar e zelar pela vida. Não apenas estar atento num sentido egocêntrico, ou

ainda antropocêntrico, mas para além de nós, de nosso tempo histórico, de nossa espécie, de nossa dor.

Se lhes apresentei uma interpretação da fotografia em questão, afirmo que esta não é a única e nem deve ser. As possibilidades interpretativas são amplas. Agora descubram novas relações simbólicas, exercitem esse olhar latente em cada um. Porque olhar para além das imagens é preciso!

Referências:

- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus, 2005.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do olhar**. NOVAES, Adauto *et al. O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Cap. 4, p. 65-88.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- NACONECY, Carlos M. **Ética & animais: um guia de argumentação filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=339 Acesso em: 13 set. 2009.
- <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> Acesso em: 17 set. 2009.
- <http://www.krajcberg.vertical.fr/fkmanifestoportugues.html> Acesso em: 18 set. 2009.